



Faculdade
Internacional
da Paraíba

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

GABRIELLE MARTINS DA SILVA FREITAS
HERMELINDA DA SILVA BEZERRA
LYVIA PESSÔA DA SILVA
NICOLLY LINO JANUÁRIO

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

João Pessoa
2023

GABRIELLE MARTINS DA SILVA FREITAS

HERMELINDA DA SILVA BEZERRA

LYVIA PESSÔA DA SILVA

NICOLLY LINO JANUÁRIO

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade Internacional da Paraíba como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orientador: Itácio Queiroz de Mello Padilha.

Orientadora: Thiana Lícia Silva Azevêdo.

Co-orientadora: Mouryene de Andrade
Moreira Palmeira.

João Pessoa

2023

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Artigos selecionados da base de dados BVS e Google Acadêmico, utilizados para composição do trabalho.....	13
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
GA	Google Acadêmico
MPF	Ministério Público Federal
OMS	Organização Mundial da Saúde
VO	Violência Obstétrica

SUMÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA.....	12
RESULTADOS.....	13
DISCUSSÃO.....	15
CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS.....

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

GABRIELLE MARTINS DA SILVA FREITAS

HERMELINDA DA SILVA BEZERRA

LYVIA PESSÔA DA SILVA

NICOLLY LINO JANUÁRIO

RESUMO

O parto até meados do século XIX era efetuado em domicílio por parteiras (leigas), também nomeadas como comadres, elas detinham um entendimento empírico quanto ao parto, no entanto, procuravam torná-lo um momento mais aconchegante e alegre. Uma declaração feita pela Organização Mundial da Saúde – OMS em 2014, com o tema “Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde”, reconheceu a violência obstétrica como questão de saúde pública. A análise feita nos artigos encontrados, foi feita da seguinte forma: a análise da base de dados Google Acadêmico foi realizada através dos 30 primeiros artigos encontrados nos critérios de pesquisas acima citados, e desses 30 artigos foram excluídos os que não atendiam aos critérios de inclusão, e a base de dados BVS foi feita dos 20 primeiros artigos encontrados. De 2017 a 2022 nos estudos obtidos dos 7 artigos escolhidos, visto que maioria das mulheres se demonstraram humilhadas no decorrer do parto, sem humanização, que o papel de enfermagem é essencial para prática de assistência humanizada no parto e nascimento. A enfermagem está vindo com uma abordagem positiva de mudança no cenário obstétrico, por muitas das pacientes não terem conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Obstétrica. Assistência. Enfermagem. Prevenção.

INTRODUÇÃO

A maternidade marca um período significativo que envolve grandes mudanças físicas e psicológicas nas mulheres, onde podemos citar a ansiedade de como será esse evento (MOURA et al., 2018).

O parto até meados do século XIX era efetuado em domicílio por parteiras (leigas), também nomeadas como comadres, elas detinham um entendimento empírico quanto ao parto, no entanto, procuravam torná-lo um momento mais aconchegante e alegre. No século XX apareceram novas tecnologias, fazendo com que acontecesse uma transição dos partos do espaço domiciliar para o espaço hospitalar, limitando assim então as taxas de mortalidade nos partos considerados de alto risco, tanto materna, quanto neonatal. Contudo, as ações foram se tornando mais desumanizadas devido às medidas de intervenções no momento do parto (SILVA et al., 2022).

Com essas modificações e o aumento de intervenções no período gravídico, a excessiva medicalização contribuiu para um novo cenário, a qual ações desnecessárias tornou-se palco para violência obstétrica, limitando e privando a autonomia da mulher nesse momento (POSSATI et al., 2017).

A violência obstétrica é conceituada como qualquer ato de negligência ou violência física, psicológica e sexual praticada contra a mulher durante a gestação, trabalho de parto, puerpério e abortamento (SANTOS, 2023). Desse modo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como violência obstétrica qualquer atitude que desrespeita à mulher, como abusos verbais, atitudes desumanas (como o uso desordenado de ocitocina na hora do parto, manobras como a de Kristeller, a episiotomia), restrição de acompanhante, procedimentos médicos sem consentimento, privacidade violada, a recusa em administrar analgésico quando solicitado pela parturiente, violência física, entre outros. Esse tipo de violência, pode provocar a mulher e o recém-nascido danos e/ou sofrimento físico e psíquico, e perpassa em todos os níveis assistenciais (primário, secundário e terciário) (MOURA et al., 2018).

Uma pesquisa divulgada em 2010 pela Fundação Perseu Abramo, “Mulheres brasileiras e Gêneros nos espaços públicos e privados”, mostrou que uma em cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência durante o parto e apontou que 25% das mulheres já sofreram algum tipo de violência obstétrica, ou seja, um número alarmante e que acende um sinal de alerta para o assunto. Logo após isso, uma declaração feita pela Organização Mundial da Saúde – OMS em 2014, com o tema “Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde”, reconheceu a violência obstétrica como questão de saúde pública, comparando a uma grave violação dos direitos humanos fundamentais da mulher, ainda ressaltando que: “Toda mulher tem direito ao melhor padrão atingível de saúde, o qual inclui o direito a um cuidado de saúde digno e respeitoso”.

Por existirem poucos registros de ocorrência, a violência obstétrica atinge quase a metade as mulheres no SUS. Segundo a pesquisa Nascer Brasil, 45% das gestantes atendidas pelo SUS no parto são vítimas de VO. No total, 36% das mães passam por um tratamento inadequado durante o parto. Apesar de todas as pessoas gestantes estarem propícias a sofrerem violência obstétrica, há um grupo de risco, que são: Negras, baixa renda, grávidas do primeiro filho, jovens e em trabalho de parto prolongado. Classificado muitas das vezes como violência obstétrica, a episiotomia é utilizada em 56% dos partos no Brasil, sendo que a recomendação da OMS é que esse índice seja entre 10% a 30% dos partos. Não obstante, o medo do parto normal violento agrava outro problema, que é o parto cesárea, sendo no Brasil o índice de 55% dos partos, sendo a recomendação da OMS esse índice fique em torno de 15% (BOLDRINI, 2021).

Assim, diante do alto índice de violência obstétrica, cresce a cada dia mais uma busca pela humanização no período gravídico-puerperal, alinhada a práticas e procedimentos que buscam readequar esse processo, tornando menos medicalizado e hospitalar, entendendo o binômio mãe-filho (BOTTO, 2018). Dessa forma, o enfermeiro possui um papel fundamental na assistência e cuidado integral dessas mulheres, garantindo a humanização e redução de práticas desnecessárias no contexto do parto e nascimento, garantindo a prevenção da violência obstétrica, deixando esclarecido que todo tipo de parto pode e deve ser humanizado, pois o parto se torna humanizado quando respeita seus direitos e sua dignidade (SÁ, 2023).

Tendo em vista o assunto exposto, o estudo levantou o seguinte questionamento: Quais são os cuidados que a enfermagem realiza na assistência para a prevenção da violência obstétrica? Para responder essa pergunta, o objetivo geral deste trabalho é analisar através da literatura os principais cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. Também levando como objetivos específicos: Identificar possíveis ocorrências de violência obstétrica e relatar a visão da Enfermagem e das puérperas sobre violência obstétrica.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa da literatura é uma análise de dados acerca de um determinado assunto, tema ou problema, derivado de referências teóricas já publicadas anteriormente, com finalidade de reunir conhecimentos e contribuir para discussões, além de proporcionar um maior conhecimento acerca do assunto pesquisado e permitir reflexões para realização de novos estudos (ZECCA; POLIDO, 2021).

A revisão foi feita no período de setembro à outubro de 2023, a partir da utilização das seguintes bases de dados: Google acadêmico e Biblioteca virtual em Saúde (BVS), onde foram encontrados artigos a respeito do tema proposto, sendo utilizados os seguintes descritores: “Violência Obstétrica *and* Cuidados de Enfermagem *and* Visão da Enfermagem”, aplicados recorte temporal entre 2017 a 2023, publicados no idioma português, texto completo e apenas artigos, tendo como resultado 240 artigos na base de dados Google Acadêmico e 46 artigos na base de dados BVS.

Os critérios de exclusão foram títulos e resumos que desviam o assunto do trabalho, publicados em língua estrangeira, com duplicidade, que não estavam disponíveis na íntegra. Já os critérios de inclusão foram artigos publicados no recorte temporal descrito acima, com títulos e resumos pertinentes ao assunto proposto, disponíveis na íntegra.

A análise feita nos artigos encontrados, foi feita da seguinte forma: a análise da base de dados Google Acadêmico foi realizada através dos 30 primeiros artigos encontrados nos critérios de pesquisas acima citados, e desses, 30 artigos foram excluídos os quais não atendiam aos critérios de inclusão, e a base de dados BVS foi feita dos 20 primeiros artigos encontrados. Essa análise foi feita através de uma leitura precisa dos artigos que foram selecionados, totalizando 7 artigos para a composição deste trabalho.

RESULTADOS

Os resultados desse estudo estão apresentados abaixo no formato de tabela com delimitação das seguintes informações: título, autor, resumo, objetivo, principais resultados e conclusão

Tabela 1 – Artigos selecionados da base de dados BVS e Google Acadêmico, utilizados para composição do trabalho.

N	Autor e Ano	Título	Objetivo Geral	Principal Resultado	Conclusão
1	(ZANARDO et al. 2017)	Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa	Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão narrativa de estudos sobre violência obstétrica. Para isso, abordou-se o histórico do parto e suas intervenções, o conceito de violência obstétrica, os marcos legais e o panorama brasileiro da assistência ao parto.	Constatou-se que não há um consenso em relação ao conceito de violência obstétrica no Brasil, embora as evidências indiquem que essa prática ocorra. Os dados apontam para a necessidade de uma conceituação de violência obstétrica, preferencialmente em documentos legais que a definam e criminalizem. Tal conceituação auxiliará na identificação e enfrentamento dessas situações.	Consideram-se necessárias mudanças nas práticas assistenciais vigentes, visando a reduzir as intervenções desnecessárias e as violações aos direitos das mulheres.
2	(CASTRO; ROCHA 2020)	Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura	Identificar na literatura científica o que aponta sobre a violência obstétrica e os cuidados de enfermagem para prevenção desta ocorrência	Constatou-se a ocorrência de humilhações no momento do parto e a realização de procedimentos desnecessários.	É necessário políticas públicas eficazes e o fornecimento de capacitação para os profissionais de enfermagem, tendo em vista uma assistência humanizada. (AU)
3	(LIMA 2020)	A contribuição da enfermagem no enfrentamento	Identificar a contribuição da enfermagem na humanização do parto como	Constatou-se que a enfermagem é considerada um componente fundamental para	A enfermagem vem contribuindo para a implementação da assistência

		da violência obstétrica: uma revisão integrativa	forma de enfrentamento da violência obstétrica.	a implementação da assistência humanizada no parto e nascimento.	humanizada, seguindo as recomendações da OMS e do MS, através da diminuição de intervenções e desmedicalização do parto.
4	(NASCIMENTO et al. 2022)	Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto	O presente estudo objetivou compreender o papel dos enfermeiros na prevenção da violência obstétrica no parto.	A análise dos dados resultou em categorias que possibilitaram discutir o enfrentamento da violência, os papéis profissionais e as ferramentas que possibilitam a execução de boas práticas no parto.	O estudo reforça a necessidade de se criar um elo sólido entre os profissionais de saúde e as parturientes, bem como, levanta a importância da educação em saúde e educação permanente para as boas práticas assistenciais (AU).
5	(NASCIMENTO; SOUZA 2022)	A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica	Analisar a recorrência da violência obstétrica, elucidar a heterogeneidade deste tema, compreender o tratamento recebido pelas pacientes, e discorrer a visão da enfermagem frente à Violência obstétrica.	Trata-se de qualquer ato exercido por profissionais da saúde no que cerne ao corpo, aos processos reprodutivos e ao psicológico das mulheres, exprimido através de uma atenção desumanizada, abuso de ações intervencionistas, medicalização e a transformação patológica dos processos de parturição fisiológicos.	Foi possível compreender que há necessidade da criação de leis rigorosas que concretizem o conceito de Violência obstétrica e puna os responsáveis por praticá-la, mais pesquisas e debates envolvendo este tema, orientações a respeito dos direitos das grávidas, parturientes e puérperas, fiscalização rotineira das instituições e a busca pela educação continuada.
6	(SANTOS 2022)	Atuação do enfermeiro nas medidas para prevenção da violência obstétrica: uma revisão integrativa	Descrever conhecimentos sobre a importância da atuação do enfermeiro nas medidas para prevenção da	Os estudos incluídos nesta revisão foram publicados em revistas de enfermagem. As evidências foram sintetizadas em três eixos	Ressalta-se a ampliação de ações e estudos que sensibilizem e orientem os enfermeiros quanto ao cuidado da gestante, como

			violência obstétrica.	condutores: Manifestação da violência obstétrica no cotidiano assistencial; Percepções das mulheres sobre violência obstétrica; e A atuação do enfermeiro no enfrentamento da violência obstétrica.	campanhas de prevenção e programas de capacitação profissional no contexto do pré-natal, parto e puerpério, objetivando o conhecimento e execução de boas práticas baseadas em evidências científicas, para fornecer uma assistência humanizada.
7	(ZECCA; POLIDO 2022)	Enfermagem e a humanização do gestar e parir: revisão de literatura acerca da violência obstétrica	Analisar as publicações referentes à violência obstétrica e seus reflexos na saúde da mulher.	Conclui-se que as formas mais comuns de violência obstétrica são todas aquelas que roubam o protagonismo da mulher, causando traumas, e que questões de gênero, classe social, raça e escolaridade influenciam diretamente para uma maior ocorrência deste tipo de violência.	Ressalta-se a enfermagem como principal instrumento de mudança no cenário obstétrico, identificando a necessidade de uma atualização constante da equipe e da inserção do tema em questão nas grades curriculares.

DISCUSSÃO

Após a leitura na íntegra dos artigos selecionados, manifestaram as seguintes categorias: Quais tipos de violência obstétrica são mais frequentes, qual visão das puérperas sobre a VO e os cuidados da enfermagem para prevenir e/ou diminuir a violência obstétrica.

Tipos de violência obstétrica mais frequentes

Para Lima (2020), o termo violência obstétrica representa um grande problema de saúde pública em consequência da sua alta incidência e sua colaboração para o aumento dos índices de morbimortalidade deste grupo. De acordo com a Política Nacional de Enfretamento da Violência contra as mulheres essa violência é uma das formas mais centrais de violação dos direitos humanos e acomete mulheres das diferentes classes sociais causando grandes agravos em sua saúde mental, física, sexual e reprodutiva, acarretando consequências que podem levar até à morte. Nascimento e Souza (2022) relatou que o abuso físico, predispõe-se de todos os atos violentos, sem necessidade, praticados no corpo da mulher, como beliscos, agressões, administração de medicamentos não definidos pelo quadro da paciente, insultos ao tempo do parto natural sem intercessões, métodos iatrogênicos e que não são relevantes para a saúde do feto e da parturiente.

Nascimento e Souza (2022) destacou que, entre tais procedimentos está a execução da episiotomia que após a institucionalização do parto, virou procedimento rotineiro pela impaciência da equipe em não respeitar o tempo fisiológico do parto. Refere-se à uma incisão realizada durante o período expulsivo, na região do períneo, que tenciona impedir ou diminuir o impacto dos tecidos do canal do parto, beneficiar a liberação do concepto, impedir lesões prescindíveis do polo cefálico subjugado à pressão suportada de encontro ao períneo ou agilizar partos de risco que, se prolongados, podem levar à morbimortalidade. Outro método é a Manobra de Kristeller, mediante à qual é realizada compressões sobre a região superior do útero, com o intuito de acelerar o processo do parto e auxiliar na saída do bebê, ato que pode ser maléfico tanto para o bebê quanto para a mãe, indica-se um trauma encefálico no recém-nascido, rotura uterina, lesão do esfíncter anal e fraturas nas costelas da mãe.

Segundo o critério definido pela Organização das Nações Unidas (ONU), a administração rotineira do soro com ocitocina sintética também é um ato de violência obstétrica. Em sua maioria, consistem em administrar sem indicação precisa e pautada em opinião obstétrica corretamente. É um hormônio apropriado em casos de partos que não progridem como previstos e necessitam ser agilizados.

Nascimento e Souza (2022) exprime que o abuso verbal também é mais comum do que se pode imaginar, recusa de intervenções e procedimentos médicos não precisos, de atendimentos, insultos profanados à mulher, através de frases preconceituosas, muitas vezes em tons de ignorância e brincadeiras e outras através de tons de ironia, como “foi bom fazer né?” Agora aguente”, “na hora de fazer você não gritou”. Comentários constrangedores,

humilhantes e ofensivos a gestante, causando assim traumas psicológicos e de grande significância para a mulher. Entre eles, encontra-se também a negação de técnicas de alívio da dor, a analgesia para o parto é um direito da mulher, e se negadas auxiliam para um sofrimento maior tanto físico quanto psicológico. A sua utilização é em pequenas doses de anestesia, apenas para diminuir o desconforto da paciente, no entanto, o tônus muscular de MMII é preservado.

Zecca e Polido (2022) expressou que os exames de toque, também se configuram como violência obstétrica. São métodos classificados como rotineiros e invasivos, o exame é realizado para analisar o desenvolvimento do trabalho de parto e dilatação do colo do útero, sendo definida sua execução a cada 4 horas no decorrer do primeiro período de parto, sempre após a autorização da parturiente.

Visão das puérperas sobre a violência obstétrica

Para Zanardo et.al (2017), além das interferências obstétricas sem necessidade, diversas mulheres referem experiências de parto dolorosas, com insultos, humilhação e demonstração de preconceitos entranhados no que se refere à saúde e à sexualidade feminina. Essa situação é recorrente e insensível e demonstra um preocupante descumprimento dos direitos humanos e dos direitos das mulheres.

Para Santos (2022), a pesquisa dos artigos menciona-se que há uma incompreensão por meio das mulheres com baixo nível socioeconômico e de ensino, a respeito de o que é a violência obstétrica, isso contribui para que este evento aconteça e origine em sequelas físicas e emocionais, cujo conseguiriam ser prevenidas se essas explicações estivessem sendo devidamente informadas as gestantes durante as consultas de pré-natal.

Para Santos (2022), quanto às condutas, as mulheres não entendem pela qual razão são submetidas as interferências e têm a atuação dos profissionais como algo favorável para a mesma e para o recém-nascido. Verificou-se que as mulheres não conhecem o desenvolvimento fisiológico do parto, como também os seus direitos de gestante, encaminhadas para as maternidades ou repartição hospitalar desprovidas de esclarecimentos que as instruíram a assumir um desempenho mais dinâmico perante as ações da equipe implicada no parto.

Cuidados da enfermagem para prevenir e/ou diminuir a violência obstétrica

Em uma recomendação feita pelo Ministério Público Federal (MPF) direcionada ao Ministério da Saúde, em 2019, enfatiza que o termo "violência obstétrica" é uma expressão já relatada em documentos científicos legais, e que seu termo não seja extinto, mas sim combatido com medidas para reprimir as práticas de maus-tratos contra as mulheres. Em adição a isso, o Conselho Federal da Enfermagem (COFEN) apoiou essa recomendação expressa pelo MPF, e reconhece que medidas devem ser adotadas e debatidas, pois seria o primeiro passo para a diminuição dessa ocorrência.

Para Nascimento e Souza (2022), a violência obstétrica é uma vertente que atinge todas as classes profissionais, pois qualquer indivíduo que está envolvido no atendimento à mulher, está sujeito a praticar o ato, mesmo que sem dolo, e a Enfermagem é um exemplo. Alguns enfermeiros, por seu tempo de formação acadêmica e experiência profissional, têm maior resistência em identificar a violência obstétrica como algo completamente prejudicial e desrespeitoso, e que é suscetível a ser evitado, por causa de pensamentos e procedimentos vetustos que são inadequados aos dias atuais, por isso a importância da educação continuada onde o profissional deve buscar constantemente atualizações de seus conhecimentos.

Anteriormente, Castro e Rocha (2020) enfatiza que as boas práticas obstétricas e os cuidados de enfermagem durante o parto e o nascimento, com finalidade de prevenir a violência obstétrica, tem como início a importância da prática do acolhimento adequado, digno e respeitoso à mulher, onde há a apresentação do profissional, a explicação do papel do enfermeiro nos cuidados, o apoio físico e emocional, fornecimento de um ambiente adequado para a mulher se sentir à vontade, bem como realizar a escuta ativa, onde a mulher pode se expressar tranquilamente sobre dúvidas ou preocupações em relação ao trabalho de parto e assim promover o controle da ansiedade visto que nesse momento é comumente que a mulher se sinta dessa forma.

Nascimento et al. (2022) exprime que, se faz necessário a explicação detalhada dos procedimentos que serão realizados, extinção de procedimentos invasivos que se encaixa na violência obstétrica, onde são contraindicados e que provoquem dor e/ou desconforto físico e moral à mulher, além de medidas não farmacológicas para o alívio da dor no parto, priorizando sobretudo a autonomia da mulher sobre o momento. E por fim, é visível que adotando boas práticas de enfermagem na assistência a mulher contribui para humanização nesse evento gravídico-puerperal, incentivando a mulher a assumir novamente seu papel de protagonista, tendo a mesmo conhecimento a respeito dos seus direitos, sobre quaisquer condutas nesse momento e assim reduzir as intervenções desnecessárias que são consideradas violência obstétrica por profissionais de enfermagem.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o que foi encontrado e discutido nas pesquisas, conclui-se que a atuação da enfermagem na prevenção da violência obstétrica é uma ação essencial, apresentando humanização e reforçando um vínculo entre os profissionais de saúde e as parturientes. A enfermagem está vindo com uma abordagem positiva de mudança no cenário obstétrico, por muitas das pacientes não terem o conhecimento apropriado do que se tratava a violência obstétrica, fortalecendo as campanhas de prevenção.

Diante do exposto, o parto era efetuado em domicílio com destaque voltado na humanização. Vendo que com o avanço das novas tecnologias e do social, foi aprimorando em requisito na segurança do parto. Entretanto, muitos profissionais acabaram deixando a humanização de lado, e também cometendo atos que são considerados violências obstétricas.

Percebe-se que é de grande importância o trabalho assistencial e de acolhimento do enfermeiro visto que as parturientes e puérperas ficam fragilizadas tanto fisicamente quanto emocionalmente diante de tantas interferências violentas sem necessidade e sem evidências científicas que comprovem a precisão de tais procedimentos.

REFERÊNCIAS

BOLDRINI, A. **Violência Obstétrica atinge quase metade das mães no SUS, mas é normalizada.** Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/violencia-obstetrica-atinge-quase-metade-das-maes-no-sus-mas-e-normalizada.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

BOTTO, L. **“No Brasil 25% Das Mulheres Já Sofreram Violência Obstétrica.”** Assembleia Legislativa de Sergipe, 2018. Disponível em: al.se.leg.br/no-brasil-25-das-mulheres-ja-sofreram-violencia-obstetrica/. Acesso em 2 de outubro de 2023.

CASTRO, A; ROCHA, S. **Violência Obstétrica e os cuidados de Enfermagem: Reflexões a partir da literatura.** *Enferm. foco* (Brasília), 2020; 11 (1): 176-181. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1103027>. Acesso em: 15 out. 2023.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **“Pesquisa Mulheres Brasileiras E Gênero Nos Espaços Públicos E Privados 2010.”** Publicações Perseu Abramo, 2010. Disponível em: fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/pesquisa-mulheres-brasileiras-e-genero-nos-espacos-publico-e-privado-2010/. Acesso em: 2 out. 2023.

SANTOS, L; OLIVEIRA, N; COELHO, N. et al. **O papel do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica: revisão integrativa.** *Revista Científica FacMais*. V.20, n.1, p. 128–147, 2023. Disponível em: <https://revistas.facmais.edu.br/index.php/revistacientificafacmais/article/view/88>. Acesso em: 8 out. 2023.

LIMA, J. **A contribuição da enfermagem no enfrentamento da violência obstétrica: Uma revisão integrativa.** 47f. Monografia (Graduação) Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Tocantins, Palmas- TO, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3378>. Acesso em: 08 out 2023.

MOURA, R; PEREIRA, T; REBOUÇAS, F. et al. **“Cuidados de Enfermagem na Prevenção Da Violência Obstétrica.”** *Enferm. Foco* (Brasília), vol. 9, no. 4, p. 60–65, 2018,. Disponível em: pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1028391. Acesso em: 29 set. 2023.

NASCIMENTO, D; BARBOSA, J; ISAÍAS, B. et al. **Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto.** *Nursing* (Ed. bras., Impr.), 2022. 25(291): 8242-8253. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1391859>. Acesso em: 18 out. 2023.

NASCIMENTO, R; SOUZA, A. **A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica.** *REVISIA*. 2022; 11(2): 149-62. Disponível em: <https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n2.p149a162>. Acesso em: 18 out. 2023.

OMS-Organização Mundial da Saúde. **“Prevenção e Eliminação de Abusos, Desrespeito E Maus-Tratos....”**. Portal de Boas Práticas Em Saúde Da Mulher, Da Criança E Do Adolescente, 2014. Disponível em: portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/prevencao-e-eliminacao-de-abusos-desrespeito-e-maus-tratos/. Acesso em: 2 out. 2023.

POSSATI, A; PRATES, L; CREMONESE, L. et al. **Humanização do parto: significados e percepções de enfermeiras**. Esc Anna Nery 2017;21(4):e20160366. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/VVsfXjcBCgnXBYVNf7m68XS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

SÁ, T. **“Assistência de Enfermagem No Enfrentamento à Violência Obstétrica: Revisão Integrativa.”** Repositório Universitário Da Ânima (RUNA), 2023. Disponível em: repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/34984. Acesso em: 2 out. 2023.

SANTOS, G. **Atuação do enfermeiro nas medidas para prevenção da violência: uma revisão integrativa**. Repositório Universitário Da Ânima (RUNA), 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/30728/1/Gisele%20Vieira%20Santos%2019.12.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, A; ANDRADE, A; CASTRO, C. et al. **“Cuidados Prestados pelo Enfermeiro à Mulheres Vítimas Violência Obstétrica: Uma Revisão Integrativa de Literatura.”** Repositório Universitário Da Ânima (RUNA), 2022. Disponível em: repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/25608. Acesso em 2 de outubro de 2023.

ZANARDO, G; URIBE, M; NADAL, A. et al. **Violência obstétrica no brasil: uma revisão narrativa**. Psicologia & Sociedade, 29: e155043, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J7CMV7LK79LJTnX9gFyWHNN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2023.

ZECCA, G.; POLIDO, C. **Enfermagem e a humanização do gestar e parir: revisão de literatura acerca da violência obstétrica**. Enfermagem Brasil, v. 21 n. 2 (2022). Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/4854>. Acesso em: 24 out. 2023.